# Onde o negativo não encontra lugar: a falta de inscrição da falta

Thiago Silverio Lourençato Barbosa

## Resumo

O presente artigo propõe compreender a radicalização contemporânea como sintoma psíquico-político de uma recusa estrutural do negativo. Articulando a psicanálise lacaniana, a noção de falência do negativo em André Green e o conceito de não identidade em Theodor W. Adorno, sustenta-se que a radicalização não pode ser reduzida a um fenômeno meramente ideológico ou comportamental, devendo ser compreendida como expressão de uma economia subjetiva e social que elimina a falta, a ambivalência e a contradição como condições do desejo, da simbolização e do pensamento crítico. Argumenta-se que a supressão do negativo produz formas de fechamento identitário, violência simbólica e recusa da alteridade, colocando em risco tanto a experiência democrática quanto a própria possibilidade de elaboração psíquica. Ao final, defende-se que a psicanálise, ao sustentar a negatividade, oferece uma contribuição ética e política fundamental frente às dinâmicas contemporâneas de radicalização.

## Palavras-chave:

Psicanálise; Negativo; Radicalização; Não identidade.

## Where the negative finds no place: the failure to inscribe lack

## Abstract

This article proposes to understand contemporary radicalization as a psychopolitical symptom of a structural refusal of negativity. By articulating Lacanian psychoanalysis, André Green's notion of the failure of the negative, and Theodor W. Adorno's concept of non-identity, it argues that radicalization cannot be reduced to a merely ideological or behavioral phenomenon. Rather, it should be understood as the expression of a subjective and social economy that eliminates lack, ambivalence, and contradiction as conditions of desire, symbolization, and critical thought. The article contends that the suppression of the negative produces forms of identitarian closure, symbolic violence, and the refusal of alterity, thereby endangering both democratic experience and the very possibility

of psychic elaboration. Finally, it argues that psychoanalysis, by sustaining negativity, offers a fundamental ethical and political contribution in the face of contemporary dynamics of radicalization.

**Keywords:**
Psychoanalysis; Negativity; Radicalization; Non-identity.

## Donde lo negativo no encuentra lugar: la no inscripción de la falta

### Resumen

El presente artículo propone comprender la radicalización contemporánea como un síntoma psíquico-político de una recusación estructural de lo negativo. Al articular el psicoanálisis lacaniano, la noción de fracaso de lo negativo en André Green y el concepto de no-identidad en Theodor W. Adorno, se sostiene que la radicalización no puede reducirse a un fenómeno meramente ideológico o conductual. Debe entenderse, más bien, como la expresión de una economía subjetiva y social que elimina la falta, la ambivalencia y la contradicción como condiciones del deseo, de la simbolización y del pensamiento crítico. Se argumenta que la supresión de lo negativo produce formas de cierre identitario, violencia simbólica y rechazo de la alteridad, poniendo en riesgo tanto la experiencia democrática como la propia posibilidad de elaboración psíquica. Finalmente, se sostiene que el psicoanálisis, al sostener la negatividad, ofrece una contribución ética y política fundamental frente a las dinámicas contemporáneas de radicalización.

**Palabras clave:**
Psicoanálisis; Negativo; Radicalización; No-identidad.

## Là où le négatif ne trouve pas de place: la non-inscription du manque

### Résumé

Le présent article propose de comprendre la radicalisation contemporaine comme un symptôme psychique et politique d'un refus structurel du négatif. En articulant la psychanalyse lacanienne, la notion de défaillance du négatif chez André Green et le concept de non-identité chez Theodor W. Adorno, il soutient que la radicalisation ne peut être réduite à un phénomène purement idéologique ou comportemental. Elle doit plutôt être comprise comme l'expression d'une économie subjective et sociale qui élimine le manque, l'ambivalence et la contradiction en tant que conditions du

désir, de la symbolisation et de la pensée critique. Il est soutenu que la suppression du négatif produit des formes de fermeture identitaire, de violence symbolique et de refus de l'altérité, mettant en danger à la fois l'expérience démocratique et la possibilité même de l'élaboration psychique. Enfin, il est soutenu que la psychanalyse, en soutenant la négativité, offre une contribution éthique et politique fondamentale face aux dynamiques contemporaines de radicalisation.

**Mots-clés :**
Psychanalyse ; Négatif ; Radicalisation ; Non-identité.

## Introdução

O filme *A zona de interesse* (2023), dirigido por Jonathan Glazer, promove um deslocamento radical na representação da violência política, ao recusar sua espetacularização e sua inscrição direta no campo do visível. Ambientado nos arredores do campo de extermínio de Auschwitz, o filme acompanha o cotidiano da família de Rudolf Höss, comandante do campo, cuja vida doméstica se organiza em torno de rotinas banais, cuidados com o jardim, almoços familiares e projetos de ascensão social. Enquanto isso, o extermínio sistemático permanece fora de quadro, manifestando-se apenas como ruído distante, fumaça ocasional ou interrupções quase imperceptíveis da normalidade. Trata-se, contudo, de um extermínio historicamente determinado: o genocídio de judeus europeus, eixo central da política nazista durante o Holocausto (1941-1945), bem como de outros grupos perseguidos, como ciganos, pessoas com deficiência, homossexuais e opositores políticos. A explicitação dessa dimensão histórica não apenas restitui a especificidade do acontecimento, mas impede que a violência seja diluída em uma abstração universalizante.

Essa escolha estética produz um efeito perturbador justamente por retirar da violência seu caráter excepcional. O horror não aparece como ruptura, mas como pano de fundo contínuo de uma vida que segue sem abalos subjetivos significativos. A violência não se apresenta como excesso visível, mas como ausência radical de perturbação, de culpa ou de conflito psíquico. O filme evidencia, assim, uma forma de violência que não opera pelo ódio explícito ou pela paixão destrutiva, mas pela adaptação, pela indiferença e pela administração cotidiana da morte. Esse dispositivo estético revela uma dimensão central da violência moderna, a saber, sua articulação com processos de normalização e neutralização da experiência. O que se evidencia não é a irrupção do mal como evento extraordinário, mas a sua integração funcional à vida ordinária. A negatividade, entendida como experiência de ruptura, conflito ou falta, é progressivamente suprimida. Não há

luto, não há culpa, não há alteridade que exija elaboração. O outro é reduzido a um resíduo sem rosto, sem nome e sem inscrição simbólica, enquanto o sujeito se organiza a partir de identificações funcionais e de uma economia afetiva empobrecida, marcada pela ausência de ambivalência.

Nesse contexto, pode-se falar em uma forma de violência que opera no registro simbólico. Não se trata apenas da violência física ou diretamente destrutiva, mas de um processo mais difuso e silencioso, no qual o próprio campo de significação é organizado de modo a excluir a diferença e a ambivalência. Aproxima-se, nesse sentido, do que Pierre Bourdieu (1998) conceitua como violência simbólica, isto é, uma forma de dominação que se exerce não pela coerção explícita, mas pela imposição de esquemas de percepção, classificação e sentido que são reconhecidos como legítimos pelos próprios sujeitos. No entanto, no interior da problemática aqui desenvolvida, tal noção exige um deslocamento: trata-se menos de enfatizar os mecanismos de reprodução social e mais de compreender como a própria estrutura simbólica pode ser empobrecida ou rigidificada a ponto de não mais sustentar a negatividade.

A violência simbólica, nesse registro, pode ser compreendida como a imposição de um campo de sentido saturado, no qual não há lugar para o não sabido, para a contradição ou para a alteridade. Ela opera reduzindo o espaço da interpretação e eliminando a abertura que caracteriza o simbólico como tal. Em vez de mediar a relação com o real, o simbólico passa a funcionar como fechamento, produzindo significações rígidas que neutralizam a diferença. Trata-se, portanto, de uma violência que não apenas atinge o outro, mas que incide sobre as próprias condições de possibilidade da experiência psíquica e do pensamento, na medida em que impede a inscrição da falta. Essa forma de organização subjetiva permite pensar a radicalização para além da adesão explícita a discursos extremistas ou ideologias totalitárias. A radicalização pode ser compreendida como efeito de uma subjetividade que não suporta a negatividade, a contradição e a não identidade, buscando respostas imediatas e totalizantes diante do indeterminado. O fechamento identitário e a eliminação simbólica ou real do outro aparecem, assim, como respostas defensivas a um real que não pode ser simbolizado, elaborado ou tolerado.

A partir dessa hipótese, este artigo propõe uma articulação entre a psicanálise lacaniana, a noção de falência do negativo em André Green (1993) e a crítica adorniana da razão identitária desenvolvida por Theodor W. Adorno (1995, 2009). O objetivo é compreender a radicalização contemporânea como sintoma psíquico-político de uma cultura que recusa estruturalmente o negativo, tanto no plano do desejo quanto no plano do pensamento crítico, produzindo formas de violência que se apresentam menos como explosão do ódio e mais como sua administração silenciosa.

## A negatividade na constituição do sujeito em Lacan

Na teoria lacaniana, o negativo não se apresenta como uma insuficiência a ser superada nem como um déficit a ser corrigido, mas como operador fundamental da constituição do sujeito. A entrada do *infans* na ordem da linguagem implica uma perda irremediável, uma vez que a simbolização exige a renúncia à imediaticidade da satisfação pulsional. Essa perda é formalizada por Jacques Lacan por meio do conceito de castração simbólica, que não deve ser compreendido em sentido empírico ou normativo, mas como marca estrutural da submissão do sujeito ao campo do Outro e à lógica do significante. É a partir dessa operação que se instaura uma fenda irredutível entre o sujeito e o objeto, fenda que impede qualquer coincidência plena entre desejo e satisfação.

No entanto, reduzir a problemática do negativo em Lacan a uma dimensão estritamente estrutural seria perder de vista a complexidade de seu ensino. Ao longo de sua obra, o autor reformula continuamente as modalidades de inscrição da falta, articulando-a aos registros do Simbólico, do Imaginário e do Real. A negatividade não se apresenta, portanto, como um dado unívoco, mas como uma operação que incide de maneiras distintas sobre o ser falante, seja como falta-a-ser (*manque-à-être*), seja como falta no Outro, seja ainda como aquilo que retorna do Real como impossível de simbolizar.

Essa falta estrutural não é contingente nem patológica, mas constitutiva do desejo enquanto tal. Como afirma Lacan, o desejo não visa à posse de um objeto capaz de preencher a falta, mas se sustenta justamente na impossibilidade dessa plenitude, organizando-se como movimento e não como estado (Lacan, 1964/2008, p. 199). O sujeito do inconsciente emerge, assim, como efeito dessa negatividade inaugural, sendo atravessado por uma ausência que jamais poderá ser completamente simbolizada ou eliminada. O conceito de objeto *a* ocupa lugar central nessa economia do negativo. Enquanto resto da operação simbólica, o objeto *a* designa aquilo que escapa à significação, funcionando como causa do desejo e não como seu objeto final. Trata-se de um elemento paradoxal, pois, ao mesmo tempo que sustenta o desejo, impede sua saturação. Nesse sentido, o objeto *a* pode ser compreendido como uma das formas privilegiadas de inscrição da negatividade na experiência subjetiva, não apenas como efeito da perda inaugural, mas como operador que mantém aberta a relação entre o sujeito e o Real, impedindo seu fechamento imaginário ou sua totalização simbólica.

A tentativa de eliminar essa negatividade, seja por meio de identificações imaginárias rígidas, seja pela adesão a significantes mestres que prometem sentido total, não conduz à pacificação subjetiva, mas à emergência da angústia. Lacan é explícito ao afirmar que "a angústia não é sem objeto", indicando que ela surge quando a falta estrutural é ameaçada de supressão, isto é, quando o sujeito se vê

confrontado com a possibilidade de um preenchimento total que anula o lugar do desejo (Lacan, 1962-1963/2005, p. 64). A angústia, nesse sentido, não decorre da falta, mas da irrupção de algo no lugar da falta, isto é, do colapso da distância que deveria separar o sujeito do objeto, fazendo aparecer o objeto *a* de maneira invasiva. É nesse ponto que a radicalização pode ser compreendida como resposta defensiva à angústia. Discursos extremistas oferecem significantes mestres que organizam o mundo de maneira binária, nomeiam inimigos e delimitam fronteiras rígidas, reduzindo a complexidade do real a esquemas de identificação totalizantes. Ao prometerem sentido pleno e pertencimento absoluto, esses discursos funcionam como tentativas de suturar a falta estrutural e de eliminar a experiência do indeterminado.

O ódio ao outro emerge, assim, como efeito dessa recusa do negativo. O outro encarna aquilo que resiste à totalização, aquilo que introduz a diferença, a ambivalência e a contradição. Ao invés de ser reconhecido como alteridade constitutiva do laço social, o outro é transformado em ameaça a ser eliminada. Mais precisamente, o outro aparece como suporte daquilo que, no próprio sujeito, não pode ser simbolizado, funcionando como encarnação do real da falta que se busca recusar. A radicalização aparece, portanto, não como excesso de negatividade, mas como incapacidade de sustentá-la, convertendo a falta estrutural do desejo em violência simbólica ou real.

## André Green e a falência do negativo

André Green desloca a problemática do negativo do plano estritamente estrutural para o campo das condições psíquicas da simbolização e da vida representacional. Contudo, esse deslocamento não implica uma ruptura com Jacques Lacan, mas antes uma inflexão: se, em Lacan, o negativo é pensado como operador estrutural da constituição do sujeito enquanto efeito da linguagem, em Green ele passa a ser interrogado também em termos de sua efetiva possibilidade de inscrição e sustentação no aparelho psíquico. O negativo deixa, assim, de ser apenas um dado estrutural para tornar-se um trabalho psíquico contínuo, cuja constituição depende das condições do desenvolvimento e, sobretudo, da qualidade das primeiras relações objetais. Em *O trabalho do negativo*, Green (1993) define o negativo como a capacidade de suportar a ausência, o silêncio e a não resposta do objeto sem recorrer à clivagem, à atuação ou à destrutividade (Green, 1993, p. 17). Trata-se de uma função essencial à constituição do espaço psíquico, pois permite que a falta seja transformada em experiência simbolizável. Mais do que um simples correlato da perda, o negativo designa um conjunto de operações psíquicas, como a negação, a alucinação negativa e o desinvestimento, que tornam possível a delimitação de um espaço interno diferenciado, no qual a ausência do objeto pode

ser representada sem ser vivida como catástrofe. O negativo opera, assim, como condição de possibilidade do pensamento, do luto e da temporalidade psíquica, instaurando um intervalo entre a excitação pulsional e a resposta imediata.

A falência do negativo ocorre quando essa capacidade não se constitui adequadamente ou se encontra comprometida, seja por falhas precoces do ambiente, seja por experiências traumáticas que inviabilizam a confiança na ausência do objeto. Nesses casos, a ausência não é vivida como espaço potencial de elaboração, mas como ameaça de aniquilação. A ausência deixa de funcionar como representação e passa a ser experimentada como presença negativa, isto é, como vazio intrusivo e não simbolizável. O vazio não pode ser negativado, retornando sob a forma de angústia massiva, *acting out* ou violência. Green observa que "quando o negativo não pode ser trabalhado, ele se transforma em força mortífera" (Green, 1993, p. 42), indicando que aquilo que não encontra lugar na simbolização retorna como destruição.

Nesse contexto, a noção de alucinação negativa torna-se particularmente relevante: trata-se não da produção de uma presença ilusória, mas da incapacidade de perceber ou representar aquilo que deveria estar presente. Tal mecanismo evidencia uma falha na constituição do campo representacional, na qual o objeto não é perdido, mas apagado enquanto tal, comprometendo a própria possibilidade de inscrição da ausência. A falência do negativo, portanto, não diz respeito apenas à dificuldade de lidar com a perda, mas à impossibilidade de constituí-la como tal. Essa perspectiva permite compreender a radicalização como uma resposta defensiva diante da falência do negativo. O sujeito radicalizado revela uma intolerância profunda à espera, à frustração e à ambivalência, buscando eliminar o vazio por meio de identificações totalizantes. Nessas formações, não há espaço para a dúvida, para a contradição ou para o conflito psíquico. O pensamento é substituído por certezas rígidas, e o outro é reduzido a ameaça ou obstáculo a ser eliminado.

A violência, nesse registro, não se apresenta como expressão de excesso pulsional, mas como tentativa desesperada de dar forma a um vazio que não pôde ser simbolizado. Ela pode ser compreendida como um modo de inscrição pela via do ato daquilo que não encontrou lugar na representação, isto é, como uma tentativa de tratar, no real, aquilo que falhou no simbólico. Tanto no plano intrapsíquico quanto no laço social, a radicalização funciona como defesa contra a experiência da ausência e da não resposta. Ao eliminar o outro, o sujeito tenta eliminar também a negatividade que o confronta com sua própria falta. Assim, a falência do negativo, tal como formulada por Green, oferece uma chave fundamental para compreender as formas contemporâneas de radicalização como sintomas de uma economia psíquica incapaz de sustentar o negativo como condição da experiência.

## Adorno e a recusa da não identidade

A contribuição de Theodor W. Adorno permite articular a falência psíquica do negativo, tal como formulada por Jacques Lacan e André Green, às condições históricas e sociais da modernidade tardia. Em *Dialética negativa*, Adorno (2009) elabora uma crítica radical à razão identitária, entendida como a tendência do pensamento moderno de subsumir o objeto ao conceito, eliminando aquilo que resiste à identidade e à classificação (Adorno, 2009, p. 13). Essa forma de racionalidade não se limita ao plano cognitivo, mas estrutura práticas sociais, instituições e modos de subjetivação, produzindo sujeitos que se relacionam com o mundo a partir da exigência de coerência, controle e equivalência.

A não identidade ocupa lugar central nessa crítica. Para Adorno, pensar criticamente implica sustentar a tensão entre conceito e objeto, reconhecendo que o real excede toda tentativa de totalização. O pensamento que se mantém fiel à não identidade recusa a pacificação conceitual e preserva a negatividade como condição da reflexão. Entretanto, essa negatividade não se confunde com a falta estrutural tal como pensada pela psicanálise. Em Adorno, o negativo designa antes a resistência do objeto à sua captura conceitual, isto é, aquilo que, no real, escapa à identidade e insiste como resto não assimilável. Ao eliminar essa resistência, a razão identitária empobrece a experiência e reduz a complexidade do mundo a esquemas binários e administráveis.

A supressão da não identidade produz efeitos profundos sobre a constituição subjetiva. Ao neutralizar a diferença e a contradição, a razão identitária favorece a formação de sujeitos intolerantes ao que escapa à classificação e à ordem. Em *Educação após Auschwitz*, Adorno (1995) afirma que a barbárie não resulta da ausência de cultura, mas de uma cultura que neutraliza a reflexão crítica e impede a experiência do não idêntico (Adorno, 1995, p. 119). A referência a Holocausto não é aqui contingente, mas paradigmática: Auschwitz aparece como expressão extrema de uma racionalidade que, ao eliminar a não identidade, transforma o outro em pura matéria administrável. A violência extrema não aparece, assim, como ruptura da civilização, mas como seu produto imanente, quando a racionalidade instrumental se sobrepõe à capacidade de reflexão e autocrítica. A radicalização contemporânea pode ser compreendida como expressão subjetiva dessa razão identitária. Discursos radicalizados reduzem a complexidade social a oposições rígidas, nós e eles, bem e mal, pertencimento e exclusão, operando uma verdadeira redução do real ao idêntico. O outro é apreendido não como alteridade irredutível, mas como erro, ameaça ou excesso a ser eliminado. Nesse processo, a violência se legitima como resposta ao que resiste à nomeação total, operando como tentativa de restaurar uma identidade supostamente ameaçada.

Nesse sentido, a radicalização articula a falência do negativo no plano psíquico e a recusa da não identidade no plano social. O sujeito radicalizado não

suporta aquilo que escapa à totalização, seja no outro, seja em si mesmo. A diferença interna, a ambivalência e a contradição, que deveriam ser elaboradas simbolicamente, são projetadas no exterior e combatidas como inimigas. Pode-se dizer, nesse ponto, que a recusa da não identidade funciona como correlato social da impossibilidade de sustentar a falta: aquilo que, no plano psíquico, aparece como falência do negativo, no plano social se manifesta como intolerância ao não idêntico. Ao articular Adorno com a psicanálise, torna-se possível compreender a radicalização não como desvio individual ou patologia isolada, mas como sintoma psíquico-político de uma cultura que recusa estruturalmente o negativo. Tal articulação, contudo, não implica a redução de um campo ao outro, mas a construção de uma zona de tensão teórica, na qual a negatividade pode ser pensada simultaneamente como falta estrutural (Lacan), como função psíquica (Green) e como resistência do objeto à identidade (Adorno). A não identidade, nesse sentido, encontra ressonância, ainda que não equivalência, na negatividade psicanalítica, permitindo pensar a violência contemporânea como efeito da impossibilidade de sustentar aquilo que não se deixa reduzir à identidade, ao sentido pleno ou à ordem administrada.

## Considerações finais

A radicalização contemporânea pode ser compreendida, à luz das análises desenvolvidas, como sintoma de uma cultura que já não sustenta o negativo como condição da experiência subjetiva e do laço social. A falta deixa de ser reconhecida como elemento estruturante do desejo e passa a ser vivida como ameaça intolerável. A ambivalência, que constitui o núcleo da experiência humana e da convivência democrática, é recusada em favor de posições rígidas e identidades fechadas. Nesse contexto, a diferença não é elaborada simbolicamente, mas combatida, eliminada ou silenciada. O ódio emerge, assim, não como excesso pulsional descontrolado, mas como tentativa defensiva de dar forma ao indeterminado e de expulsar aquilo que não pôde ser simbolizado.

A articulação entre a psicanálise lacaniana, o trabalho do negativo em André Green e a crítica adorniana da razão identitária permite compreender a radicalização como falência simultânea do negativo em três níveis interdependentes. No plano do desejo, a negatividade estrutural que sustenta o sujeito, tal como formulada por Jacques Lacan, é recusada por meio de identificações totalizantes que prometem sentido pleno e pertencimento absoluto. No plano da simbolização, a falência do negativo, no sentido desenvolvido por Green, impede a elaboração da ausência, da perda e da espera, fazendo com que o vazio retorne sob a forma de violência ou fechamento defensivo. No plano social e cultural, a recusa da não identidade, conforme a crítica de Adorno (1995, 2009), neutraliza a reflexão crí-

tica, reduz a complexidade do real e legitima práticas de exclusão e destruição. Trata-se, portanto, de três modalidades distintas de negatividade, estrutural, funcional e crítica, cuja falha articulada produz um empobrecimento simultâneo da experiência psíquica, simbólica e social. Diante desse cenário, a psicanálise ocupa uma posição que não é apenas clínica, mas também ética e política. Ao sustentar a falta como constitutiva do sujeito, o tempo da elaboração contra a urgência da resposta imediata e o não saber contra a imposição de certezas absolutas, a escuta psicanalítica se coloca em resistência à lógica do fechamento identitário que atravessa a cultura contemporânea. Tal posição não consiste em oferecer novos significantes mestres que substituam aqueles da radicalização, mas em sustentar a abertura do campo simbólico, isto é, a possibilidade de que o sentido não se feche sobre si mesmo. A psicanálise afirma, assim, a negatividade não como falha, mas como condição de possibilidade do pensamento, do desejo e do reconhecimento da alteridade.

Sustentar o negativo, hoje, significa preservar o espaço do pensamento em uma cultura marcada pela administração da violência e pela recusa da experiência. Significa também afirmar a possibilidade de um laço social que não se organize pela eliminação da diferença, mas pela convivência com a incompletude e a contradição. Em termos adornianos, trata-se de manter viva a experiência do não idêntico; em termos psicanalíticos, de sustentar a falta como aquilo que impede o fechamento do desejo e a fixação identitária. Nesse sentido, a psicanálise, em diálogo com a teoria crítica, oferece não uma solução técnica para a radicalização, mas uma posição ética fundamental: a de não ceder à tentação de suprimir o negativo, mesmo quando ele se apresenta como fonte de angústia e desamparo, e precisamente por isso.

## Referências bibliográficas

Adorno, T. W. (1995). Educação após Auschwitz. In T. W. Adorno. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Adorno, T. W. (2008). *Minima moralia: reflexões a partir da vida danificada*. Rio de Janeiro: Azougue.

Adorno, T. W. (2009). *Dialética negativa*. Rio de Janeiro: Zahar.

Adorno, T. W., & Horkheimer, M. (1985). *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar.

A zona de interesse. Direção: Jonathan Glazer. Reino Unido; Polônia; Estados Unidos: A24, 2023. 1 filme (105 min).

Bourdieu, P. (1998). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Bourdieu, P. (1999). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Butler, J. (2015). *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Freud, S. (1996). Luto e melancolia. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)

Freud, S. (1996). Além do princípio do prazer. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)

Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta.

Green, A. (1990). *A loucura privada: psicanálise das estruturas clínicas limites*. São Paulo: Escuta.

Green, A. (1993). *O trabalho do negativo*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)

Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)

Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960)

Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)

**Recebido:** 22/01/2026

**Aprovado:** 10/08/2026